

## A CULTURA POP NA PERSPECTIVA DOS LETRAMENTOS *QUEER* NO ENSINO DE LINGUA INGLESA

## POP CULTURE FROM THE PERSPECTIVE OF *QUEER* LETTERINGS IN ENGLISH LANGUAGE TEACHING

Fernando Guimarães Tavares<sup>1</sup>  
Fernanda Franco Tiraboschi<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este trabalho tem como objetivo refletir sobre como a cultura Pop pode trazer benefícios para o ensino e a aprendizagem de línguas, bem como observar quais seus impactos na sala de aula quando aplicados, sob uma perspectiva crítica dos Letramentos *queer*. Para isso, realizou-se uma revisão de literatura com foco em estudos envolvendo: a) a cultura Pop no ensino de línguas; b) os Letramentos *queer* na sala de aula de línguas; e c) a cultura Pop no ensino de línguas na perspectiva dos Letramentos *queer*. Como referencial teórico, apoiou-se em estudos com foco nas teorizações sobre cultura e nos estudos envolvendo educação linguística e letramentos *queer*. As discussões levadas a cabo, neste estudo, indicaram que a cultura Pop pode consistir em um recurso viável e eficiente na promoção dos letramentos *queer* nas aulas de inglês. Além disso, esse modelo de letramento confronta o ensino tradicional que é desvinculado de fatores sociais e culturais, visto que busca problematizar as opressões sociais decorrentes das questões de gênero.

**Palavras-chave:** Letramentos *queer*. Cultura pop. Ensino de línguas.

**ABSTRACT:** This paper aims at reflecting on how Pop culture can benefit the teaching and learning of languages, as well as to observe its impacts in the classroom when applied under a critical perspective of the queer literacies. To achieve our goals, we conducted a literature review focusing on studies involving: a) Pop culture in language teaching; b) Queer Literacies in the language classroom; c) and Pop culture in language teaching from the perspective of the Queer Literacies. As a theoretical framework, we rely on studies focusing on theories of culture and studies involving linguistic education and queer literacies. This study shows that Pop culture can be a viable and efficient resource in promoting Queer literacies in English classes. In addition, this literacy model confronts traditional teaching that is not connected to social and cultural factors, as it problematizes social oppressions arising from gender issues.

**Keywords:** Queer literacies. Pop culture. Language Teaching.

**Data de Submissão:** 08.março.2021

**Data de Aprovação:** 20.abril.2021

---

<sup>1</sup> Graduado em Letras pelo Centro Universitário Alfredo Nasser – UNIFAN.

<sup>2</sup> Doutoranda em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás. Mestra em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás. Professora de Língua Inglesa e Literaturas de Língua Inglesa no Centro Universitário Faculdades Alfredo Nasser – UNIFAN.

## 1. Introdução

Vários pesquisadores têm demonstrado que a sala de aula de línguas é permeada por sujeitos que são constituídos por diferentes identidades sociais e provenientes de contextos socioculturais distintos (AGUILAR, 2007; MASTRELLA-DE-ANDRADE; RODRIGUES, 2015; MOITA-LOPES, 2006; PENNYCOOK, 2001, 2006). Para o professor de línguas, pode se tratar de um processo mais complicado porque, na sala de línguas, é possível perceber fluxos culturais, colocando questões como desigualdades sociais, decorrentes de identidades sociais de gênero, de raça e de classe social, em cheque (RISAGER, 2006). Entretanto, ainda que seja uma área relativamente nova e pouco explorada na área da Linguística Aplicada (LA), os letramentos *queer* aparecem como uma proposta de renovação no *locus* pedagógico, servindo como ferramenta de enfrentamento às normatizações impostas a fim de problematizar desigualdades sociais, tais como padrões heteronormativos e questões de gênero (MOITA LOPES, 2006; PESSOA; URZÊDA-FREITAS, 2016; ROCHA, 2012; 2013).

Visto isso, este trabalho está pautado nas seguintes problemáticas: a) De que modo a cultura pop pode melhorar a experiência em sala de aula de línguas? b) Como os letramentos Queer possibilitam problematizações sobre padrões impostos pela heteronormatividade? c) A cultura pop numa perspectiva dos letramentos queer na sala de aula de línguas pode ser benéfica de que maneira? Para responder a essas perguntas, temos como objetivo refletir sobre como a cultura Pop pode trazer benefícios para o ensino e aprendizagem de línguas, bem como observar quais seus impactos na sala de aula a partir de uma perspectiva crítica dos letramentos *queer*. Para isso, realizamos uma revisão de literatura com foco em estudos envolvendo: a) a cultura Pop no ensino de línguas; b) os letramentos *queer* na sala de aula de línguas; c) e a cultura Pop no ensino de línguas na perspectiva dos letramentos *queer*. É importante ressaltar que utilizamos alguns critérios de busca para executar a revisão de literatura empreendida neste estudo, tais como: a) utilizamos a plataforma da Scielo (Scientific Electronic Library Online) como ferramenta de busca; b) Procuramos por artigos publicados entre 2005 e 2020; c) Utilizamos como palavras-chave os seguintes termos: cultura pop e ensino de línguas, letramentos *queer* e ensino de inglês, letramentos *queer* e ensino de língua inglesa, cultura pop e letramentos *queer*.

A motivação para empreender este estudo se deve à necessidade de mover o ensino de línguas para além das práticas já estabelecidas que enfocam apenas elementos gramaticais, como a conjugação de verbos durante uma aula toda, como se a língua fosse apenas um sistema que serve como instrumento de comunicação. Com isso eu queremos dizer que a língua pode consistir em um meio para a comunicação entre as pessoas, mas não se restringe a apenas esse papel, visto que construímos as nossas identidades na e pela língua/linguagem (FERREIRA, 2015; PENNYCOOK, 2006; MASTRELLA-ANDRADE; RODRIGUES, 2015). Além disso, esse modelo de letramento confronta o ensino tradicional que é e desvinculado de fatores sociais e culturais, estes sendo um dos elementos principais na aprendizagem de uma segunda língua.

Este artigo está organizado em quatro seções além das considerações iniciais e finais. Na primeira seção, apresentamos algumas teorizações acerca dos conceitos de cultura e cultura pop. Na segunda seção, discutimos os benefícios do uso da cultura pop no ensino de línguas, mesmo que seja considerada uma prática não escolar, propondo a hibridização das práticas escolares. Na terceira seção, apresentamos os principais conceitos das Teorias *Queer* e dos letramentos *queer* e como essa abordagem da Linguística Aplicada Crítica nos ajuda a transformar a sala de aula em um local de enfrentamento das desigualdades sociais. Na quarta e última seção, discutimos a cultura pop como ferramenta pedagógica numa perspectiva crítica dos letramentos *queer*. Este artigo ainda apresenta as referências bibliográficas.

## **2. Algumas considerações em torno do conceito de cultura**

A importância do papel que o docente desempenha na formação crítica do aluno é incontestável, visto que o professor assume a função de mediador do conhecimento construído no espaço pedagógico. Por essa razão, torna-se imprescindível que nós, professores de línguas em formação ou em serviço, busquemos entender a realidade escolar a nossa volta para que possamos agir sobre ela. Adicionalmente, Aguilar (2007, p. 69) frisa que a tarefa do professor consiste em “desenvolver nos aprendizes a competência que os farão relativizar seus próprios valores, crenças e comportamentos culturais e investigar por eles mesmo a alteridade”, para que tal objetivo seja alcançado com êxito, precisamos procurar compreender e nos adaptar a pluralidade cultural e as relações interculturais que se

dão no contexto de ensino e de aprendizagem de línguas estrangeiras, de maneira a trazer a realidade dos alunos para a sala de aula. Nesse sentido, é essencial que compreendamos diferentes possibilidades de abordar o conceito de cultura e de como os aspectos culturais podem incidir nos usos linguísticos, para que possamos englobar todos esses construtos em nossas práticas pedagógicas. Desse modo, nesta subseção, discutiremos alguns dos variados conceitos de cultura e interculturalidade, ao tomar como base os estudos que dialogam com a Linguística Aplicada, a Antropologia e a Sociologia.

Os diversos sentidos que a noção de cultura pode assumir são extremamente abrangentes e ramificados. Entretanto, vários estudiosos buscam uma definição que possa contemplar a variedade de elementos que constituem essa noção e a diferença de abordagens para o termo cultura é a parte mais rica de um ponto de vista cognitivo (ESPINOSA, 2005). Com base em Spencer-Oatey (2012), a cultura é algo que afeta o modo de vida dos indivíduos de determinado grupo social. Contudo, ainda que várias pessoas façam parte desse mesmo grupo, lidando com a mesma rotina, os mesmos terão suas próprias individualidades. Dessa maneira, a cultura constrói processos sociais e psicológicos e é associada a outros grupos sociais. A cultura não é inata, isto é, inerente à natureza biológica humana, mas é construída socialmente, absorvida e internalizada pelo grupo no qual o indivíduo convive. Por exemplo, duas crianças criadas em duas partes diferentes do mundo terão diferentes costumes, comportamentos e visões de vida, devido à criação em grupos sociais de países diferentes, como Spencer-Oatey (2012) ilustra em seu exemplo:

[d]ois bebês nascidos ao mesmo tempo em duas áreas diferentes do mundo, responderão aos estímulos físicos e sociais de formas diferentes. Por exemplo, alguns bebês são ensinados a sorrirem para estranhos, enquanto em outros lugares, serão ensinados a sorrirem apenas em certas ocasiões. Nos Estados Unidos, a maioria das crianças são questionadas desde cedo a respeito de questões como o que elas preferem fazer; enquanto em outras culturas, um pai nunca perguntaria ao seu filho o que ele quer, apenas ditaria uma ordem. Cultura também é ensinada através das explicações que as pessoas recebem de acordo com os acontecimentos a sua volta. A maioria dos pais dizem aos seus filhos que determinada criança é um bom garoto porque \_\_\_\_\_. Pessoas de culturas diferentes completariam o espaço em branco de formas completamente diferentes, os indivíduos com quem a criança interage vão parabenizar e encorajar certos tipos de comportamentos (como por exemplo chorar ou não chorar em público, ser extrovertido ou introvertido). Certamente existem variações no que se diz a respeito ao que é ensinado a criança de família em família, independente da cultura. (SPENCER-OATEY, 2012, s/p).

Com base em Risager (2006), Pereira (2015) pondera que, ao longo da história, o termo “cultura” como conhecemos hoje sofreu várias transformações de forma que sua semântica pudesse representar diversos ideais.

No século XIX, foi construído um conceito restrito da palavra cultura, em que a elite era detentora de todo conhecimento ligado diretamente ao conceito que Bauman (2002) chamou de cultura hierárquica. Nessa linha, determinadas sociedades eram consideradas “menos aculturadas” pela elite, visto que se tomava um conceito de cultura que determinava a existência de uma natureza ideal que o ser humano deveria almejar alcançar. Desse modo, a cultura que a elite detinha significava um conjunto de saberes e conhecimentos privilegiados adquiridos através de um árduo e prolongado esforço que esse grupo dominante empenhava. A cultura, dessa forma, servia como um dispositivo utilizado com o propósito de manter o *status quo*, de maneira a legitimar a alta sociedade como o lado mais rico intelectualmente, induzindo uma forte noção de imponência.

Essa noção hierárquica de cultura foi perpetuada até os dias de hoje, inclusive dentro da sala de aula, quando, por exemplo, um professor enxerga seus alunos como seres sem acesso à cultura e cabe a ele, em seu papel como docente, transferir seu conhecimento a eles. Portanto, os aprendizes ao interagir com o professor estariam alcançando o nível ideal de cultura e de aprendizado, pensamento similar ao da alta sociedade no século XIX.

Quanto ao modelo diferencial de Bauman (2002), Pereira (2015) afirma que esse conceito desconstrói a ideia do modelo hierárquico, uma vez que considera a cultura como modos de agir de um determinado grupo social e reforça a ideia da pluralidade dentro do conceito de cultura, tendo-se a noção da existência de “culturas” e não apenas “cultura”. A esse respeito, o autor destaca que:

[d]e acordo com essa visão de cultura é possível afirmar a existência de uma cultura que se caracteriza pela sua diferença das outras culturas do mundo em seus “ethos, gênios, padrões, configurações e estilo sociais”. Cultura, ao invés de ser um objeto adquirível através do esforço humano, como no modelo hierárquico, passa a ser considerada como um conjunto de características de um povo que acabam por diferenciar os povos uns dos outros. Assim, nesse modelo, uma cultura se configura através da sua diferença perante a outras culturas. (PEREIRA, 2015, p.184).

No entanto, alcançar um significado definitivo para o termo cultura é uma tarefa complexa. Nesse sentido, Pereira (2015) ressalta que realizar essa tarefa é como tentar capturar todos os ângulos possíveis de um objeto em uma só foto. Seriam necessários vários ângulos diferentes para que o objeto fosse visto em sua totalidade através das fotografias. Da mesma forma é o termo cultura, é necessário que vários estudiosos da área contribuam com suas visões acerca do assunto para que se tenha um conceito abrangente e variado do que a cultura pode ser. A cultura em si vai muito além do que um simples feriado, raça ou etnia, conhecer fatos históricos da língua-alvo ou idolatrar os ícones artísticos de determinado grupo da sociedade.

Diante disso, ainda que todos os autores citados tenham abordagens diferentes quando se trata do conceito acerca do termo cultura, é possível perceber um consenso em relação à visão de que a cultura é uma construção social e não pode existir longe do contato social, é um processo que acontece do externo para o interno, o indivíduo absorve todos os comportamentos, manias e filosofia de vida, que o indivíduo internaliza a partir da convivência com aqueles que estão a sua volta (BAUMAN, 2002; PEREIRA, 2015; RISAGER, 2005; SPENCER-OATEY, 2012). Nessa linha, a cultura é algo que conduz o pensamento e o comportamento do indivíduo e fundamenta o arcabouço ético, moral e intelectual do ser humano.

Entendendo que a cultura em si é ramificada por inúmeros conceitos, o mais popular talvez seja a cultura pop. Diferentemente da cultura consumida pela elite, a cultura popular é produzida em massa e consumida em massa (KHUMTHUKTHIT, 2010). Por definição literal, cultura popular é a cultura do povo, destinada a um público de massa, toda a base do entretenimento é cultura pop: programas de TV, músicas, séries, cinema. Justamente por ser um conteúdo produzido para ser consumidos pelas massas, a cultura pop tem sido vista em um viés mais crítico por estudiosos que veem a cultura pop como uma ferramenta de resistência cultural a elite da sociedade devido ao seu contraste com o que é considerado próprio da cultura da elite; que, por sua vez, é vista como culta e erudita. Sobre a separação da cultura popular e da cultura erudita, Domingues (2011) diz que:

[a] separação desses dois polos foi uma invenção dos intelectuais europeus, na segunda metade do século XVIII. Por meio do conceito de folclore (“saber do povo”), eles demarcaram a fronteira das manifestações culturais das camadas sociais abastadas em relação àquelas mais amplamente difundidas. Nos séculos XIX, o povo – não os setores marginalizados das cidades, e sim os habitantes das zonas rurais – foi idealizado, com sua

produção cultural tendo sido retratada como “pura”, “natural” e “resíduo” do passado. Essa idealização serviu de base para a elaboração do mito fundador de várias nações, bem como desencadeou o início de muitas pesquisas folclóricas que se empenharam em descobrir uma cultura “primitiva”. Segundo essas pesquisas, as manifestações folclóricas, herdadas do mundo rural, estavam condenadas à morte, devido ao seu crescente contato com influências “deletérias” dos centros urbanos (BURKE, 1989; CERTEU; JULIA; REVEL, 1989, p.63). Entretanto, ao longo do século XX, após uma série de estudos que se debruçou sobre as manifestações populares “sobreviventes”, essa concepção foi se tornando cada vez mais insustentável. Batizou-se, então, a categoria “cultura popular” no lugar da restritiva “folclore”. (DOMINGUES, 2011, p. 402)

A cultura popular é toda manifestação e consumo de mídia cultural de um povo seja ela em formato de dança, música, cinema e folclore e seu principal protagonista é o artista, a população, a periferia, quem produz as manifestações, e não o resultado delas.

Com base nessas discussões, entendemos a cultura como um fenômeno que é socio-historicamente construído através de negociações de sentidos e dos modos de agir pelos membros de uma determinada comunidade e, por isso mesmo, consiste em um fenômeno complexo e fluido (BAKER, 2009; CORBETT, 2003; KNOBLAUCH, 2001; RISAGER, 2006; SPENCER-OATEY, 2012). Nesse sentido, Baker (2009) salienta que as teorias críticas de cultura adotam uma perspectiva mais dinâmica e heterogênea e considera reducionista a equação de uma língua, uma cultura e uma identidade nacional. Adicionalmente, Corbett (2003) argumenta que o conceito de cultura não se relaciona necessariamente a nacionalidades, mas refere-se a uma complexidade de fatores e elementos que são constantemente negociados em um grupo. Desse modo, é possível se referir aos modos de agir de um determinado grupo em um nível macro (cultura brasileira, cultura americana etc.), como também se referir a um grupo no nível micro (cultura dos jovens, cultura de hip hop etc.).

### **3. Cultura pop no ensino de línguas**

Com a ascensão da popularidade do cinema e da música em meados dos anos 50, a cultura pop passa a ter um espaço muito maior no cotidiano de adolescentes e adultos do mundo todo, e não iria demorar muito até que elementos e figuras importantes do entretenimento fossem implementadas nos ensinamentos de língua.

De acordo com as pesquisadoras Yiqi Liu e Angel Lin (2017), houve uma tendência crescente nos estudos de língua inglesa no que se refere à implementação

de elementos da cultura popular para auxiliar o aluno a contextualizar a segunda língua com o material didático apresentado. Músicas têm se provado uma ferramenta pedagógica eficaz na sala de aula de línguas, elas ensinam novos sons, sílabas tônicas, ritmo e vocabulário, devido à sua natureza e sonoridade agradável, principalmente, as músicas “chiclete”, são extremamente úteis na criação de atividades que trabalhem a associação e a memória dos alunos (LIU; LIN, 2017). Séries de TV também são usadas para ajudar os aprendizes de uma segunda língua a compreenderem como funciona uma conversação e o vocabulário em si. Jornais e comerciais também podem aprimorar o *listening* dos alunos, devido ao modelo curto e direto ao ponto dos comerciais (CHOWDHURY, 2014). Nesse sentido, a cultura popular pode trazer uma experiência mais prática e incentivadora da realidade da língua inglesa. Ao tomar como base o estudo de Cheung (2001), Liu e Lin (2017) destacam que a cultura pop tem um impacto muito grande na vida dos jovens, em especial, filmes e vídeos games. Tais elementos podem ditar o estilo de vida deles e trazer esse universo para a sala de aula, de maneira a facilitar o processo de assimilação da realidade deles. Com a contextualização, os alunos acabam sendo incentivados a consumirem mais do entretenimento, de modo a criar uma sensação de afinidade e de interesse maior pela aula.

Com o passar do tempo, o consumo de informação e cultura em massa tem se tornado uma realidade na sociedade contemporânea. Embora a cultura pop tenha sido considerada, por vezes, apenas como material secundário, alguns pesquisadores reconhecem a cultura pop como um material pedagógico de suma importância para o ensino de inglês como segunda língua, visto que é necessário ir além do processo de escutar e traduzir, é preciso que a identidade cultural do aluno no momento de leitura tenha mais destaque (LIU; LIN, 2017). Segundo Khumthukthit (2010)

Hall afirma que a cultura “popular” pode ser entendida melhor não como aquilo que é simplesmente “popular” como as massas ou como uma lista específica de entretenimento e práticas populares, mas como a força de oposição dialética ao domínio ou cultura de elite dentro de uma dada sociedade (Hall, 2005; Flores, 2005). A cultura popular, nesse sentido, é o que foi excluído da cultura dominante da elite numa dada sociedade. (KHUMTHUKTHIT, 2010, p. 63).

Baseando-se nos estudos de teóricos como Stuart Hall (2005), John Fiske (1989), bem como Hoare e Smith (1971), Khumthukthit (2010) define essa concepção de resistência da cultura pop da seguinte maneira: a cultura popular se diferencia da



cultura das massas, no passado, caso uma classe dominante desejasse estabelecer seus ideais, esse processo seria realizado através da força e do terror. Entretanto, nas sociedades modernas, a liderança tem de ser conquistada e o direito da liderança fica à mercê do povo. O ensino e a mídia são os veículos usados para que a elite propague seus ideais, assim, de maneira a convencer a população e facilitar todo o processo de imposição de um determinado modo de ser, viver e pensar. A cultura das massas é produzida e consumida em massa, criada pelas indústrias para a população, enquanto a cultura popular é o que as pessoas fazem e produzem com esse entretenimento, como por exemplo, o rap: resistindo aos ideais que foram impostos pela mídia, a fim de criticar os sistemas de opressões sociais.

#### **4. Teorias *Queer* e os Letramentos *Queer*: princípios e pressupostos teóricos**

A contemporaneidade requer letramentos e métodos pedagógicos modernos, que trabalhem as práticas sociais de leitura, escrita e uso da língua, com intuito de problematizar os binarismos sociais impostos por uma sociedade autoritária de caráter heteronormativa e patriarcal (MOITA LOPES, 2006; PESSOA; URZÊDA-FREITAS, 2016; ROCHA, 2013). E é justamente essa a temática de estudo dos letramentos *queer*, que são as práticas sociais do uso linguístico com o objetivo de problematizar as dicotomias de corpo impostas pela sociedade, as identidades e a vida social (URZÊDA-FREITAS, 2018). A priori, para total compreensão do que são os letramentos *queer* em sua totalidade e do que se tratam, é necessário que se entenda alguns pressupostos do seu arcabouço teórico, este sendo as Teorias *Queer*.

A palavra *Queer* foi utilizada, em um primeiro momento, com o objetivo de ofender e diminuir aqueles não pertencentes aos padrões heteronormativos. Antes, seu significado inicial remetia a alguém que era compreendido como estranho, ridículo, excêntrico, raro ou extraordinário. A semântica dessa palavra passa a ser ressignificada com o objetivo de se servir como um elemento de resistência. Nesse sentido, a escolha do nome que comumente é utilizado como injúria serve também pra promover a normalização daqueles que não tem visibilidade por não se categorizarem ou não se identificarem com os padrões que remetem à heterossexualidade (LOURO, 2004; MISKOLCI, 2009; URZÊDA-FREITAS, 2018). O termo *Queer* está relacionado ao movimento *Queer Nation*, fundação criada com o

objetivo de lutar contra a repressão social e violência sofrida pelas pessoas LGBTQ's devido a sua associação com a epidemia de Aids no final dos anos 80.

Utilizado pela primeira vez pela historiadora Tereza de Lauretis em 1990 em conferência realizada na Califórnia, o termo Teoria *Queer* remete à problematização da exclusão social das minorias, ao conceito de gênero em si e à própria sexualidade e todas as categorias identitárias que através de relações hierárquicas e procedimentos binários perpetuam essa desigualdade e exclusão (URZÊDA-FREITAS, 2018).

Em seu livro *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade*, Judith Butler, uma das expoentes das teorias *queer*, define gênero como “[...] a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma forma natural de ser” (BUTLER, 2003, p. 69). Para ela, o gênero é um gesto performativo (repetição de atos, gestos, signos) que produz significados. Nesse sentido, espera-se que uma criança desenvolva certos comportamentos de acordo com os padrões estabelecidos sobre o que é ser menino e menina no contexto social em que ela está inserida. É importante destacar que tais comportamentos, gestos e atos não são apenas esperados, mas também ensinados e determinados a essa criança (LIMA; BELO, 2019; SALISH, 2012).

De acordo com Urzêda-Freitas (2018), as Teorias *Queer*

[s]e configuram como espaços de resistência e articulação de estratégias que fomentam a desestabilização de repertórios identitários, políticos e epistemológicos sedimentados, movendo-se para além das oposições binárias sócio-historicamente fixadas como formas únicas de compreensão da vida. Como Rocha (2013, p. 60), compreendo as teorias *queer* como espaços de reflexão e luta centrados “na instabilidade, na fluidez, no trânsito perene e na reflexividade que impedem a normatização, o aprisionamento das subjetividades em categorias”. (URZÊDA-FREITAS, 2018, p.37)

Ao considerarmos o letramento como uma prática social mediada por textos e discursos envolvidos na alfabetização, e que promove a habilidade de compreensão e produção crítica dos alunos, é possível dizer que se faz necessário pensar as questões de gênero no âmbito dos letramentos. Nessa linha, o trabalho com os letramentos atrelado às Teorias *Queer*, pode se tornar uma forte ferramenta pedagógica de desconstrução, visto que possibilita a problematização da natureza dos binarismos sob os quais a vida social opera (URZÊDA-FREITAS, 2018).

Conforme vimos neste estudo, uma prática pedagógica progressista se torna necessária com os tempos que enfrentamos e é justamente isso que os letramentos *queer* trazem. Com base nos textos de Brian Street (1984), Urzêda-Freitas (2018) conceitua seus dois modelos de letramentos: a) o autônomo, onde se tem uma visão mais restrita e objetiva e que vê a leitura como um processo imparcial, e não considera que a interpretação do texto vai variar a partir do contexto social do leitor; b) o modelo ideológico de letramento contém um viés social muito maior, considerando a leitura uma prática culturalmente ligada às estruturas de poder da sociedade (MONTEIRO, 2006), essa faceta socialmente abrangente dos letramentos, que por sua vez, focam mais nas performances identitárias (CARVALHO, 2013). O modelo ideológico desempenha grande função na desconstrução de processos binários impostos pela sociedade, como os já citados.

Aproximando-se do modelo ideológico, os letramentos *queer* propõem um deslocamento de paradigmas hegemônicos no ambiente escolar, transformando-o em um local de enfrentamento a essas questões pouco discutidas em sala de aula, de modo a problematizar os conceitos de gênero e de identidades sociais propostos por uma sociedade heteronormativa. Dessa forma, os alunos passam a ser motivados a pensarem de forma crítica através do questionamento, encorajando a luta pelos direitos e pela democracia através da promoção da alteridade. Essa linha de pensamento não traz esse tipo de questionamento apenas aos alunos como também aos professores de línguas, impulsionando a produção de um conteúdo que aborde questões de gênero e de identidade, como textos e atividades que trabalhem com a representatividade no momento de leitura (CARVALHO, 2013; URZÊDA-FREITAS, 2018).

## **5. A cultura pop na perspectiva dos letramentos *queer***

A linguagem tem papel de suma importância na perpetuação de narrativas dentro da sala de aula, e esse ambiente como já comentado neste estudo, acaba se tornando local fundamental no processo de reflexão acerca dos temas que fogem dos padrões heteronormativos (ROCHA, 2012). Vale dizer que, por ser uma área de estudo relativamente nova, encontramos poucos trabalhos envolvendo os letramentos *queer* e o ensino de línguas. Dentre esses trabalhos, destacamos o artigo de Luiz Paulo da Moita-Lopes, intitulado *Queering Literacy Teaching: Analyzing Gay-Themed*

*Discourses in a Fifth-Grade Class in Brazil* de 2006, a tese de doutorado de Luciana Lins Rocha, intitulada *Teoria queer e a sala de aula de inglês na escola pública: performatividade, indexicalidade e estilização* de 2013 e a tese de doutorado Marco Tulio Freitas, intitulada *Letramentos queer na formação de professorxs de línguas: complicando e subvertendo identidades no fazer docente* de 2018. No que se refere a uso de artefatos da cultura pop para a promoção dos letramentos *queer*, podemos observar uma discussão sobre isso na tese da professora Luciana Lins Rocha.

Em 2010, a professora Luciana Lins Rocha realizou uma série de práticas em sala de aula com uma de suas turmas no ensino médio, essas práticas consistiram na utilização de mangás e animes que abordassem temas como homo afetividade e ideologia de gênero em atividades de leitura, debates e produção de texto. Através de arranjos espaciais diversificados (duplas e grupos) como a professora mesmo cita em sua pesquisa, foi possível inserir a discussão e a problematização de tais temas em sala de aula. O mangá discutido, chamado *No Bra* de 2002, trata de uma história sobre travestilidade, que foi utilizado no momento de leitura com os alunos e demonstrou progresso ao promover discussões entre os alunos sobre o assunto. Rocha (2012) apresenta vários excertos em sua pesquisa contendo diálogos trocados em momentos de debate com seus alunos a respeito da obra. A priori, há uma certa resistência dos alunos de sexo masculino (demonstrando comportamentos da nossa sociedade de valores hegemônicos e a rejeição ao que foge da heteronormatividade), por se tratar de um assunto pouco discutido e visto como tabu.

Entretanto, resultados positivos surgiram da atividade: durante o debate, um dos alunos nomeado “A. Orange”<sup>3</sup> faz uso da palavra homossexualismo, o sufixo “ismo” dá a palavra uma conotação patológica, de modo que contribui para perpetuar o conceito da orientação sexual como doença. Neste momento, a professora o corrige, estimulando o uso da palavra homossexualidade. Mais tarde na mesma aula, a professora usa a palavra travestismo, se referindo ao personagem principal; e uma de suas alunas nomeada “Xuxa”, a corrige, dando atenção a palavra travestilidade, assim, removendo a conotação preconceituosa. Segundo Rocha (2012):

[u]ma proposta de letramentos queer não se efetiva sem a já aludida reconfiguração dos padrões interacionais. Xuxa só pôde propor a palavra “travestilidade” de modo tão enfático porque foi construída com a turma uma

---

<sup>3</sup> Para que a identidade dos alunos não fosse comprometida na pesquisa, os alunos optaram por escolher apelidos (ROCHA, 2012).

compreensão da sala de aula como espaço de trocas e responsabilidades compartilhadas, na qual a professora não era detentora do saber-poder com a palavra final sobre todos os assuntos, mas uma participante com status privilegiado (afinal, não deixei de atribuir notas e planejar as aulas!) naquela comunidade de prática de letramento.” (ROCHA, 2012).

Esse momento exemplifica o potencial performativo do uso da linguagem, além de apontar uma situação que desestabiliza o letramento escolar comum autônomo: uma aluna negociando sentidos com a professora, assim se estimula o pensamento crítico no aluno. Dessa forma, é possível traçar um paralelo entre o uso da cultura pop nos Letramentos *queer*, ainda que a escola não esteja totalmente preparada para lidar com este tipo de letramento, são a partir de práticas assim que aos poucos, se desestabiliza todo um sistema de letramento hegemônico (MOITA LOPES, 2006; ROCHA, 2012).

## 6. Considerações Finais

A partir desse estudo, pudemos perceber o quão necessário é a discussão sobre novas abordagens para os letramentos dos aprendizes contemporâneos. Durante muito tempo, a sociedade permitiu que práticas de letramento perpetuassem uma norma padrão, tratando assuntos como identidade de gênero e sexualidade como tabus, impondo um padrão criado pela sociedade como se fosse naturalmente herdado (MOITA LOPES, 2006; PESSOA; URZÊDA-FREITAS, 2016; ROCHA, 2012). É justamente por este motivo que abordamos o tema deste trabalho com tanta importância, os estudos sobre letramentos *queer* constituem uma área relativamente nova no campo da Linguística Aplicada e, por esse motivo, o alcance do número de estudos e pesquisas a respeito do tema foi um tanto limitado. Tal fato denota a importância de estudos, debates e propostas de práticas pedagógicas que contemplem os letramentos *queer* para a educação que se faz urgente atualmente.

A modernidade requer letramentos que não só ampliem capacidade de estudos dos alunos por um viés cognitivo, mas também moral. Afinal, a escola não só forma o caráter informativo do aluno, mas também o caráter moral do mesmo; e a escola sendo um reflexo da sociedade faz com que essas discussões se tornem fundamentais na construção de um ensino crítico e democrático e que seja para todos, livre de limitações.

Neste trabalho, buscamos refletir sobre a efetividade da cultura pop como material pedagógico no ensino de línguas, atrelada as Teorias *Queer*, especificamente no intuito de que a cultura pop fosse utilizada como veículo para promover problematizações acerca de temas derivados do padrão heteronormativo. Com base nos estudos das professoras Yiqi Liu e Angel Lin, pudemos observar o impacto positivo que a cultura pop pode trazer ao ensino de línguas, como por exemplo, nas crianças que apresentaram uma melhora cognitiva, aprendendo sons e melhorando o vocabulário. Entretanto, para os adolescentes e adultos, é importante considerar a identidade cultural e a representatividade que o material pode trazer aos alunos. Nesse sentido, a cultura serve como um incentivo aos estudos, uma vez que a associação com a própria cultura pode ser promovida para que a aprendizagem da segunda língua possa ocorrer de maneira descontraída, situada e confortável.

As discussões que os letramentos *queer* trazem, como mostrado neste trabalho, são de grande relevância na construção de um ensino crítico e abrangente em seu caráter sociocultural. Desse modo, trabalhar na problematização de temas ignorados pelo *status quo* imposto por uma sociedade com valores conservadores e hegemônicos a partir da utilização da cultura pop para contextualizar as discussões e trazer uma representatividade aos alunos se mostrou como uma prática viável e eficaz para a promoção dos letramentos dos aprendizes de línguas (MASTRELLA-ANDRADE; RODRIGUES, 2015; MOITA LOPES, 2006; PESSOA; URZÊDA-FREITAS, 2016; ROCHA, 2012, 2013).

### Referências bibliográficas

AGUILAR, M. J. Dealing with Intercultural Communicative Competence in the foreign language classroom. *In*: ALCÔN, E. A.; SAFONT JORDÀ, M. P. (Orgs.). **Intercultural language use and language learning**. Dordrecht, The Netherlands: Springer, 2007.

BYRAM, M. **Developing Intercultural Communicative Competence in Foreign Language Teaching**: curriculum planning and policy. Graz, Council of Europe. 2007.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero**: Feminismo e Subversão da Identidade. Rio de Janeiro, 2003.

CARVALHO, A. M. Práticas de letramento queer: escola e a sala de I/LA. *In*: CARVALHO, Alvaro Monteiro. **Práticas de letramento queer na sala de I/LA: discursos e performances identitárias em fricção**. Dissertação (Mestrado)

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa Interdisciplinar de Linguística Aplicada/ Rio de Janeiro, 2013. p 73-76.

CHOWDHURY, P. Use of Popular Culture in Enhancing English Language Teaching. **International Journal of Advanced Research**, v. 2, n. 9, p. 805-815, 2014.

COLLING, L. Teoria queer. *In*: **Mais definições em trânsito**. 2007. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/TEORIAQUEER.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2020.

CORBETT, J. **An intercultural approach to English language teaching**. Clevedon: Multilingual Matters Ltd., 2003.

DOMINGUES, P. Cultura popular: as construções de um conceito na produção historiográfica. **História [online]**. v.30, n.2, p.401-419, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-90742011000200019>. Acesso em: 20 nov. 2020.

ESPINOSA, L. O conceito de cultura em Bauman. **Fronteiras - estudos midiáticos**. São Leopoldo, Rio Grande do Sul, p. 240-242, 2006.

FERREIRA, A. de J. **Letramento racial crítico através de narrativas autobiográficas**: com atividades reflexivas. Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2015.

LIMA, V. M.; BELO, F. R. R. Gênero, sexualidade e o sexual: o sujeito entre Butler, Foucault e Laplanche. **Revista Psicologia em Estudo**, v. 24, n. 1, 2019.

LIU, Y.; LIN, A. M. Y. Popular culture and teaching English to speakers of other languages (TESOL). *In*: THORNE, S; MAY, S. **Language, education and technology (Encyclopedia of Language and Education)**. Verão, Suécia, 2017. p 87-101.

KHUMTHUKTHIT, P. O que é a cultura pop. *In*: KHUMTHUKTHIT, Ploy A **nova diplomacia pública do Japão**. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/ Rio de Janeiro, 2010. p 59-79.

KNOBLAUCH, H. Communication, contexts and culture. A communicative constructivist approach to intercultural communication. *In*: LUZIO, Aldo. Di.; GÜNTNER, S.; ORLETTI, F. **Culture in Communication: Analyses of Intercultural Situations**. Amsterda: John Benjamins Company, 2001. p. 3–34.

MASTRELLA-DE-ANDRADE, M. R.; RODRIGUES, J. A. A construção de identidades no livro didático de inglês: Classe social, raça e o Outro. *In*: Aparecida de Jesus Ferreira. (Org.). **As políticas do livro didático e identidades sociais de raça, gênero, sexualidade e classe em livros didáticos**. 1ed. Campinas: Pontes Editores, 2015, v. 1, p. 143-162.

MISKOLCI, R. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 11, n. 21, p. 150-182, 2009.

MOITA LOPES, L. P. da. Queering Literacy Teaching: Analyzing Gay-Themed Discourses in a Fifth-Grade Class in Brazil. **Journal of Language, Identity, and**

**Education**. v. 5, n. 1, p. 32-50. 2006.

MONTEIRO, T. R. F. **Práticas de letramento e inclusão social: o caso de uma classe do ciclo II de educação de jovens e adultos**. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras/ Rio de Janeiro: PUC Rio, Departamento de Letras, 2006. p 19-27.

PENNYCOOK, A. **Critical Applied Linguistics: a critical introduction**, 1, Mahwah, USA: Erlbaum Associates, 2001.

PENNYCOOK, A. Uma Linguística Aplicada Transgressiva. Tradução de Luiz Paulo da Moita Lopes. *In*: MOITA LOPES, Luiz Paulo (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. pp. 67 - 84.

PEREIRA, D. N. Cultura e interculturalidade na sala de LE: Uma introdução teórica. **Linguagem – estudos e pesquisas**. Catalão, p 179-197, 2015.

PESSOA, R. R.; URZÊDA-FREITAS, M. T. Língua como espaço de poder: uma pesquisa de sala de aula na perspectiva crítica. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 16, p. 133-156, 2016.

ROCHA, L. L. Letramentos queer na escolar pública: performativizando uma pesquisa-ação. III Simpósio Nacional de Discurso, Identidade e Sociedade (III SIDIS), 3., 2012, Campinas, SP. [**Anais**]. Campinas, SP: Unicamp, p. 1-14, 2012

ROCHA, L. L. **Teoria queer e a sala de aula de inglês na escola pública: performatividade, indexicalidade e estilização**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro / Rio de Janeiro, 2013. p.68-95.

SALISH, S. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012

SPENCER-OATEY, H. What is culture? A compilation of quotations. **Global People Core Concept Compilations**. 2012, UK. Disponível em: [https://warwick.ac.uk/fac/cross\\_fac/globalpeople2/knowledgeexchange/whatisculture.html/](https://warwick.ac.uk/fac/cross_fac/globalpeople2/knowledgeexchange/whatisculture.html/) acesso em: 20 dez. 2020.

URZÊDA-FREITAS, M. T. Letramentos queer: entre caminhos e descaminhos; Letramentos queer: entre possibilidades e desafios. *In*: URZÊDA-FREITAS, Marco Túlio. **Letramentos queer na formação de professorxs de línguas: complicando e subvertendo identidades no fazer**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras (FL), Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística/ Goiânia, 2018. P 95-165.